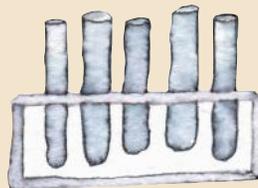


Frankenstein

Mary Shelley

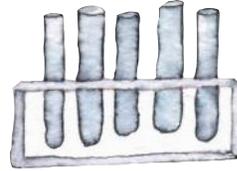


adaptação de Laura Bacellar

ilustrações de Maria Eugênia



editora scipione



Gerência editorial
Sâmia Rios
Edição
Maria Viana
Assistência editorial
José Paulo Brait
Revisão
Nair Hitomi Kayo
Coordenação de arte
Marisa Iniasta Martin
Programação visual de capa e miolo
Aída Cassiano
Elaboração do encarte
Lúcia Tulchinski



editora scipione

Av. das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2019
ISBN 978-85-262-7976-6
CL: 737511
CAE: 251532
2.ª EDIÇÃO
5.ª impressão
Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Frankenstein or The Modern Prometheus*, de Mary Shelley. Köln (Alemanha): Könnemann, 1995.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bacellar, Laura

Frankenstein / Mary Shelley; adaptação de Laura Bacellar; ilustrações de Maria Eugênia. – São Paulo: Scipione, 2004. (Série Reencontro infantil)

Título original: *Frankenstein*

1. Literatura infantojuvenil. I. Shelley, Mary, 1797-1851. II. Eugênia, Maria. III. Título. IV. Série.

04-5076

CDD-028.5

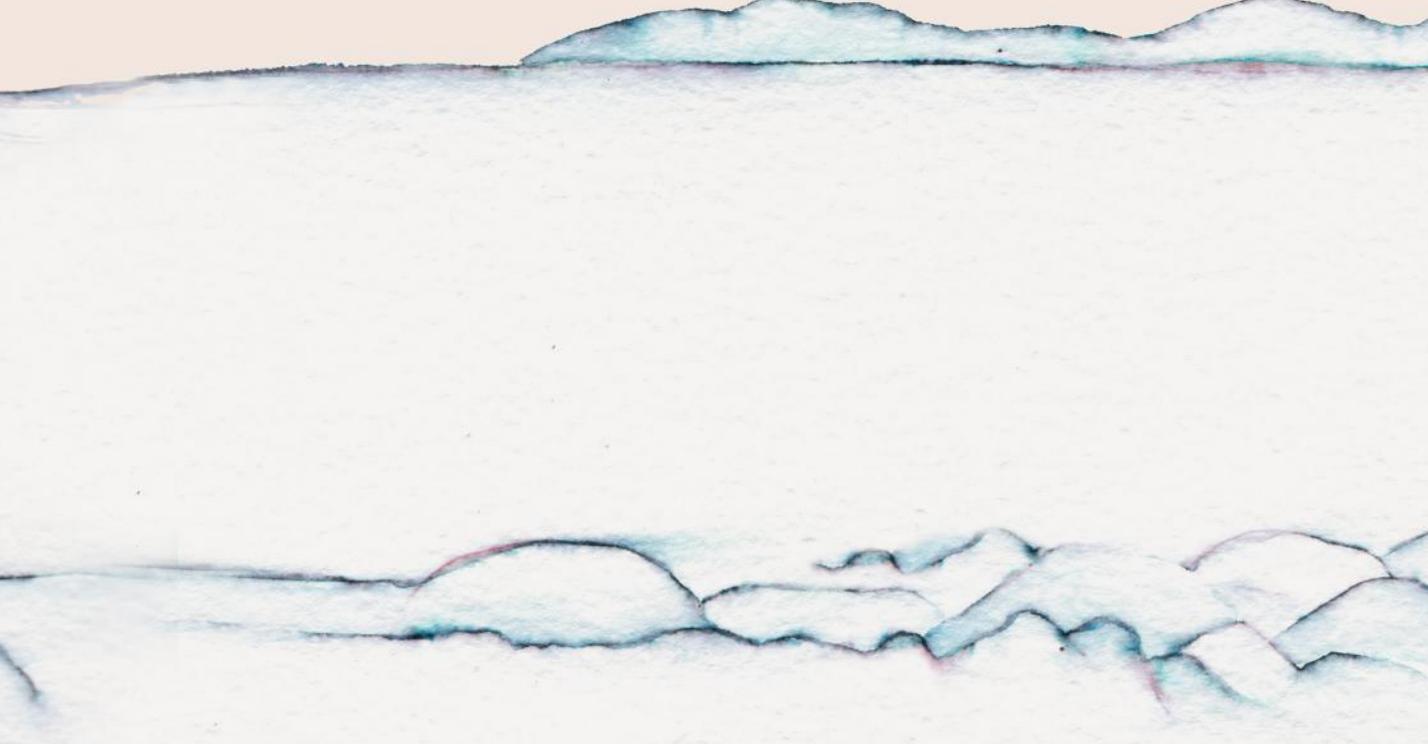
Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

Sumário

Capitão Walton	5
Infância feliz	7
Primeira tragédia	9
Estudos	10
Descoberta	12
O monstro	13
Meu amigo	14
Nervos à flor da pele	15
Volta para casa	16
Péssima notícia	17
Visão macabra	18
Julgamento	19
Encontro	20
Aprendizado	22
A família	23
Contato	24
Dor e raiva	26
Vingança	28
Pedido.....	30
Decisão.....	31
Rumo à Escócia	32
Reflexão	34
De barco	36
Numa praia distante	38
Na cadeia	40
De volta para Elizabeth	41
A noite de núpcias.....	42
Juramento	45
Capitão Walton novamente	46
Quem foi Mary Shelley?	48
Quem é Laura Bacellar?	48





Capitão Walton

Mar de Barents, 5 de agosto de 17...

Querida irmã,

Estou finalmente a caminho do Ártico! Depois de tantos meses em São Petersburgo, consegui reunir uma tripulação que encarasse comigo a aventura de navegarmos até o polo Norte. Nosso navio tem o casco reforçado, mas, mesmo no verão, esta é uma viagem perigosa. Os marinheiros velejam atentos para não batermos contra um dos imensos blocos de gelo que flutuam em nossa rota. Se isso acontecer, iremos afundar em minutos na água frígida.

Ontem vimos algo muito estranho. Estávamos rodeados de gelo de quase todos os lados, com mar suficiente apenas para boiarmos. A neblina espessa escondia a paisagem. De repente, a cerração levantou e enxergamos uma figura passar ao longe num trenó puxado por cães. Parecia um homem, mas dava para perceber que era gigantesco. Como estamos a centenas de quilômetros de terra firme, ficamos bastante surpresos em ver alguém aqui. Não pudemos ir atrás dele porque estávamos presos.

Hoje de manhã levamos outro susto. O mar se abriu com um estrondo, o gelo se quebrando e permitindo uma passagem para nós. Mesmo assim, grandes plataformas ainda flutuavam na água, levadas como nós pelas correntes. Numa delas vimos um homem com um trenó e um único cachorro, com a aparência de quase morto. Não era um inuíte, mas um europeu. Nossa tripulação dirigiu o barco até ele. Antes de subir a bordo, no entanto, o homem perguntou em inglês para onde estávamos indo!

Como é possível que alguém à beira da morte faça perguntas a seus salvadores?

Ele é jovem, tem menos de trinta anos, mas está muito magro e com os membros quase congelados. Os marinheiros fizeram massagem em sua pele com rum e o embrulharam em cobertores, depois lhe deram sopa. Quando o rapaz estiver melhor, vou conversar com ele.

Seu irmão,

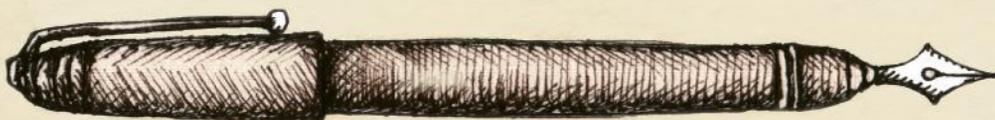
Robert Walton

Mar de Barents, 19 de agosto de 17...

Cara Margaret,

Não sei se você chegará a ler estas cartas, já que estamos rumando para o norte e não sei quando – ou se! – voltaremos. Mesmo assim escrevo, porque a história que ouvi do homem encontrado no gelo é extraordinária.

Fiz um relato conforme ele foi me contando, depois de recuperar-se do frio e da falta de comida. Eis o que ele me disse...



Infância feliz

Meu nome é Vítor Frankenstein. Minha família é uma das mais importantes de Genebra, na Suíça. Meu pai passou a juventude ocupado com negócios, o que lhe trouxe riqueza, mas o manteve solteiro. Seu melhor amigo se deu mal no comércio, ficou arruinado e, de tanta vergonha, mudou-se para a Itália.

Meu pai sentiu-se péssimo, pois adorava o amigo, e resolveu procurá-lo para oferecer ajuda. Quando finalmente o encontrou, ele estava doente, amargurado com as perdas. A filha dele era uma moça muito corajosa, que, mesmo tendo ficado pobre, enfrentava a vida com alegria. Meu pai a conheceu melhor, os dois se apaixonaram perdidamente e se casaram.

Estavam tão felizes juntos que resolveram continuar morando na ensolarada Itália, tirando tempo para viajar e conhecer as belezas da França e da Alemanha. Nasci dessa união abençoada em Nápoles e fui por muitos anos filho único. Eu era tudo para meus pais, que me enchiam de afeto e atenção. Minha infância foi muito alegre, repleta de passeios e brincadeiras.

Quando eu tinha cinco anos, minha mãe foi visitar uma família num chalé às margens do lago Como, no norte da Itália. Ela gostava de levar comida e roupas aos pobres, lembrando de como também vivera na miséria. Lá encontrou um casal com cinco crianças, todas com cara de que não se alimentavam bem. Uma delas era diferente das outras, loirinha e clara, enquanto o resto da família era de cor morena. A senhora da casa explicou que a menina era órfã, a mãe morrera e o pai sumira na guerra contra a Áustria.

Minha mãe se ofereceu para adotá-la, o que deixou a senhora bastante contente. Assim ficava menos sobrecarregada. Elizabeth veio morar conosco como uma prima querida, uma criança sorridente, que logo conquistou a todos com seu charme. Ela era calma, enquanto eu corria para lá e para cá. Fiquei feliz de ter uma companhia da minha idade para brincar.

Quando eu estava com sete anos, ganhei um irmão, Ernest. Meus pais voltaram então para a Suíça e passaram a morar em Genebra, na margem leste do lago. Ali a região é linda e selvagem, e as altas montanhas cercam a cidade de beleza. Foi onde, depois de alguns anos, minha mãe teve meu irmão caçula, William.

Durante a infância, meu melhor amigo foi Henry Clerval. Enquanto eu queria descobrir os porquês de tudo, ele adorava os heróis da literatura. Sua paixão era imaginar-se cavaleiro salvando alguma dama das mãos dos infiéis, e a minha, sonhar em ser o senhor dos raios que cortavam o céu escuro acima dos picos mais altos. Nós dois corríamos pelas encostas dos Alpes criando aventuras de nobreza e inventando descobertas.

